

ALIANÇA E SEXUALIDADE NO CASAMENTO E NO RECASAMENTO CONTEMPORÂNEO*

Terezinha Feres Carneiro**
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO - Com o objetivo de verificar como se manifestam as dimensões de aliança e sexualidade em casais de primeiro casamento e em casais recasados, realizamos um estudo empírico com dois grupos de casais da classe média carioca: 10 casais de primeiro casamento e 10 de casamentos subseqüentes, com idade variando de 25 a 45 anos, tempo de vida conjugal de 3 a 13 anos e número de filhos de 1 a 4. Os dados foram levantados através de uma entrevista semi-estruturada elaborada a partir da delimitação dos conceitos de aliança e sexualidade, realizada conjuntamente com ambos os membros do casal. O estudo permite concluir que aliança e sexualidade se manifestam de forma diferente em casais de primeiro casamento e em casais recasados e ressalta as principais diferenças na manifestação destas dimensões na vida conjugal dos dois grupos de casais. Tais conclusões têm implicações importantes para um atendimento clínico mais eficaz aos casais destes dois tipos de casamento que procuram terapia conjugal.

PARTNERSHIP AND SEXUALITY IN CONTEMPORARY MARRIAGE AND REMARRIAGE

ABSTRACT - The aim of this research is to evaluate the role of sexuality versus partnership in contemporary marriage. Two groups of married couples are distinguished: (1) couples who have been married for the first time; and (2) couples who had been previously married. Each group is composed of 10 couples which are defined according to the following characteristics: middle-class, living in Rio de Janeiro, age range between 25 and 45 years, marriage lasting from 3 to 13 year, number of children from 1 to 4. A semi-structured interview was made with each couple. The results of these interviews indicate that there is an important difference in

* O presente artigo, elaborado a partir de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é uma versão modificada de trabalho apresentado no XXI Congresso Interamericano de Psicologia, Havana, Cuba - Junho/87.

** Endereço para correspondência: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - RJ - Tel. 529-9922 - R. 320

the role which is attached to sexuality versus partnership between the couples of first marriage and those of subsequent marriages. The main aspects of such difference are analysed. Such conclusions have relevant implications for couple therapy in both cases.

INTRODUÇÃO

É cada vez maior o número de casais que procuram os consultórios particulares e as instituições de atendimento psicológico em busca de terapia conjugal. Entre estes é também cada vez maior o número dos que são recasados, ou seja, dos que estão vivendo uma relação de segundo, terceiro ou subseqüentes casamentos.

A partir de nossa prática clínica como terapeuta de casal constatamos algumas diferenças no que diz respeito à vivência das dimensões de aliança e de sexualidade nos casais de primeiro casamento e nos casais de casamentos subsequentes. No recasamento, as expectativas, as demandas e o nível de exigência em relação à sexualidade aparecem de forma mais exarcebada que no primeiro casamento. Ao mesmo tempo, com o recasamento, ocorrem mudanças significativas nas dimensões de aliança, sobretudo quando há filhos nos diferentes casamentos.

As transformações sociais que vêm afetando a vida conjugal têm relevante influência na formulação das teorias psicológicas e, conseqüentemente, na prática clínica. Torna-se portanto, cada vez mais necessário verificar empiricamente a extensão e a natureza das diferenças que se estabelecem nestes dois tipos de casamento para, a partir daí, podermos construir modelos mais adequados de atendimento ao casal.

As dimensões de aliança e de sexualidade

A aliança e a sexualidade constituem, sem dúvida, duas das mais importantes dimensões da vida conjugal. Para avaliar a representação de tais dimensões no casamento e no recasamento, é importante considerar as diversas formulações teóricas que estes conceitos tiveram, na tentativa de explicar as diferentes formas de articulação dos mesmos, até o surgimento do casamento contemporâneo.

Para Lévi-Strauss (1968), a aliança é uma das formas de intervenção do grupo sobre bens considerados escassos e essenciais para sua sobrevivência. Assim, é sempre um sistema de troca que encontramos na origem das regras do casamento, mesmo daqueles cuja aparente singularidade poderia justificar interpretações especiais. A maternidade não é somente uma relação de uma mulher com seus filhos, mas a relação dessa mulher com todos os membros do grupo, para os quais ela não é mãe e sim irmã, esposa, prima ou simplesmente uma estranha do ponto de vista do parentesco. Lévi-Strauss ressalta, portanto, que a proibição do incesto não é tanto uma regra que proíba casar com a mãe, com a irmã ou com a filha, mas sobretudo uma regra que obriga a ceder a outros a mãe, a irmã e a filha. Isto só é feito na esperança de que, em outro lugar, outra pessoa esteja realizando o mesmo "dom". Esta é a base da reciprocidade que canaliza para coesão forças que poderiam estar naturalmente destinadas à

competição e à desagregação. A relação familiar define portanto um certo conjunto de direitos e deveres enquanto que sua ausência definiria a hostilidade.

Uma outra questão ressaltada por Lévi-Strauss é o fato de que, nas sociedades por ele estudadas, considerações sexuais e casamento não estão frequentemente relacionadas. O casamento se apoia muito mais numa necessidade de reciprocidade imposta pela divisão sexual do trabalho do que em satisfação sexual. Assim a família aparece como função organizadora do espaço social, distribuindo seus elementos segundo regras que têm em comum não os seus conteúdos específicos mas a lógica que as rege. Portanto a família, em Lévi-Strauss, é pensada como agente da lei da cultura: organizando-se a partir da interdição, garante a produção da sociedade humana.

Velho (1983), tomando como referência básica Lévi-Strauss (1968), discute o casamento contemporâneo brasileiro e analisa sobretudo as mudanças nas modalidades de aliança. Para ele, na grande maioria dos casos, a dimensão da aliança é muito enfatizada pois estão em jogo interesses e valores dos dois grupos que se vinculam através dos cônjuges.

A dimensão da aliança está relacionada com o sistema de troca que encontramos na origem das regras do casamento, estabelecendo assim uma dependência entre os grupos. A aliança diz respeito portanto aos interesses e valores dos grupos que se vinculam: trocam-se favores, busca-se ajuda mútua, alimentam-se expectativas que envolvem parentes e amigos.

A literatura sobre a história da sexualidade aponta para um fenômeno muito importante e prevalente até o século XVIII no mundo ocidental que é a diferença entre o amor no casamento e o amor fora do casamento.

Como ressalta Flandrin (1981), o amor esteve presente na literatura ocidental pelo menos desde o século XII, mas este amor, salvo raras exceções, não é nunca um amor conjugal. O casamento tem por função - não somente entre os reis e os príncipes, mas em todos os níveis da sociedade - ligar duas famílias e permitir que elas se perpetuem, muito mais do que satisfazer ao amor de duas pessoas. Também do ponto de vista moral, não há a preocupação em saber se os esposos experimentam, ou não, amor um pelo outro, e até são condenados os excessos deste amor.

Aries (1982) mostra como o amor-paixão é um amor essencialmente extra-conjugal. Neste contexto os casamentos são negociados em função das alianças e dos bens e se situam na interseção de um vasto domínio público e de um pequeno espaço privado. Ussel (1980) ressalta que o casamento por amor não apenas é incomum como é considerado perigoso. A escolha mútua dos cônjuges é inexistente e a sexualidade não se restringe ao domínio conjugal. A sexualidade extra-conjugal é permitida e valorizada.

Mas a partir do século XVIII este quadro se modifica e as duas formas de amor, tradicionalmente opostas, são aproximadas. Um novo ideal de casamento vai-se constituindo aos poucos no ocidente, em que se impõe aos esposos que se amem ou que pareçam se amar e que tenham expectativas a respeito do amor. O erotismo extra-conjugal entra no casamento e passa a existir também um amor erotizado, o "amor-paixão" que é visto como modelo, as características originais do amor conjugal desaparecem ou são consideradas como obstáculos residuais ao único amor, à única sexualidade.

Hoje ninguém duvida da dignidade do amor conjugal. A sociedade con-

temporânea não aceita mais que alguém possa se casar sem desejo e sem amor. E, à medida em que o casamento fica mais investido de amor, cada vez mais o "amor adúltero" leva ao divórcio e ao recasamento.

A relevância do casamento para os indivíduos na sociedade contemporânea é discutida historicamente por Foucault (1977) que estuda a articulação entre o papel da aliança e da sexualidade e suas implicações institucionais e formula o conceito de "dispositivos" para explicar como a aliança e a sexualidade se articulam em aparelhos e instituições.

Para Foucault, que estuda mais explicitamente a constituição do modelo burguês de casamento, a produção da sexualidade está ligada a dispositivos de poder. Num primeiro momento, a sexualidade fez parte de uma técnica de poder centrada na aliança, onde ficou estabelecido todo um sistema de casamento, de fixação e desenvolvimento de parentescos, de transmissão de nomes e bens. Coube a este dispositivo de aliança ordenar e manter a homeostase de corpo social, dando ao vínculo familiar uma posição definida, estruturando em torno dele um sistema de regras que define o permitido e o proibido, a partir de normas legais. Ao mesmo tempo se fixou, a partir daí, o dispositivo da sexualidade não mais referido à lei, mas ao próprio corpo, à qualidade dos prazeres, à própria sexualidade no seio familiar. Os pais tornam-se na família os principais agentes deste dispositivo, e o sistema de aliança passa então para a ordem da sexualidade. Foucault ressalta a oposição destes dois dispositivos da seguinte forma:

Dispositivo de aliança: estrutura-se num sistema de regras que define o permitido e o proibido; reproduz a trama das relações e mantém a lei que as rege; mantém o vínculo dos parceiros com status definido; articula-se fortemente com a economia; está ordenado para uma homeostase do corpo social.

Dispositivo da sexualidade: funciona de acordo com técnicas móveis e conjunturais de poder; engendra uma extensão permanente dos domínios e das formas de vontade; sublinha como pertinentes as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres e a natureza das impressões; liga-se à economia através de articulações numerosas e sutis sendo o corpo a principal; tem como razão de ser o proliferar, inovar e multiplicar os prazeres.

A junção do dispositivo de aliança e do dispositivo de sexualidade na forma de família permite, segundo Foucault, compreender porque a família, além de manter a homeostase do corpo social se tornou lugar obrigatório dos afetos, dos sentimentos, do amor, sendo também o principal ponto de eclosão da sexualidade.

O casamento contemporâneo, sua relevância institucional e, ao mesmo tempo, suas contradições através das modalidades de relação entre as dimensões de aliança e de sexualidade são objetos dos estudos de Berger e Kellner (1970). Estes autores ressaltam que, desde Durkheim, é um lugar comum da sociologia familiar que o casamento serve como proteção contra a anomia do indivíduo. Sendo um instrumento de construção nômica, o casamento tem como função social criar para o indivíduo uma determinada ordem, para que ele possa experimentar a vida com um certo sentido. Para estes autores a realidade do mundo é sustentada através do diálogo com pessoas significativas e o casamento ocupa um lugar privilegiado entre as relações significativas validadas pelos adultos na nossa sociedade.

Berger e Kellner descrevem o casamento como um ato dramático, no qual dois indivíduos estranhos se juntam e se redefinem como pessoas. A partir daí, o casamento passa a ser, para estas pessoas, a principal área de auto-realização social e a base dos relacionamentos da esfera privada. O número crescente de divórcios na nossa sociedade pode, à primeira vista, parecer um contra-argumento da teoria que estes autores desenvolvem sobre o casamento, o que não é verdadeiro. Para eles os indivíduos na nossa sociedade se divorciam não porque o casamento não seja importante, mas porque o casamento tem tanta importância que os cônjuges não podem aceitar que ele não esteja à altura de suas expectativas. Assim, o divórcio reflete a dificuldade desta exigência, e pode-se perceber que os divorciados, quase sempre, caminham para o recasamento.

Com o objetivo de analisar como se processa nos membros do casal de primeiro casamento e de casamentos subseqüentes a vivência das dimensões de aliança e de sexualidade, desenvolvemos um estudo empírico com estes dois grupos de casal. Acreditamos que os resultados deste estudo podem ter implicações relevantes para a prática clínica de atendimento ao casal.

MÉTODO

Sujeitos

Participaram desde estudo 20 casais da classe média carioca constituídos em dois grupos: 10 casais de primeiro casamento e 10 casais recasados.

Escolhemos estudar a classe média por considerarmos esta a camada da população que mais tem procurado a terapia de casal, e também por ser sobretudo com esta camada que a nossa experiência como terapeuta de casal tem se desenvolvido. Consideramos que essa problemática, muito provavelmente, é vivenciada de forma diferente nas diversas classes sociais, mas apenas em um estudo posterior poderemos verificar como se processa esta diferença.

O universo "classe média carioca" é muito amplo e para constituir os dois grupos de casais utilizamos critérios de escolaridade, faixa etária e renda familiar. Mais especificamente, casais em que pelo menos um dos membros possuísse nível universitário, com idade variando de 25 a 45 anos, e renda familiar entre 10 e 30 salários mínimos. Os casais de ambos os grupos deveriam ter pelo menos três anos de vida em comum, podendo o casamento ser oficial ou não, e devendo haver pelo menos um filho do casal ou de um dos membros do casal.

Os casais foram recrutados por 5 auxiliares de pesquisa, alunos do Departamento de Psicologia da PUC/RJ, entre pessoas do seu relacionamento. Cada um deles entrevistou 4 casais (2 de cada grupo) que não eram de seu próprio relacionamento mas do relacionamento de um dos outros 4 auxiliares.

Os casais do grupo de primeiro casamento foram emparelhados com os do grupo de recasados segundo critérios de faixa etária dos membros do casal, tempo de casamento e recasamento, número de filhos e faixa etária dos filhos.

No grupo de primeiro casamento as idades dos membros do casal variaram de 25 a 43 anos, o número de filhos de 1 a 3 e a idade destes de 3 a 11 anos. Neste grupo o tempo de vida conjugal variou de 3 a 12 anos e a renda familiar de 10 a 30 salários mínimos.

No grupo de recasados as idades dos membros do casal variaram de 27 a 45 anos, o número de filhos de 2 a 4 e a idade destes de 3 a 13 anos. O tempo de vida conjugal variou de 3 a 9 anos e a renda familiar de 12 a 30 salários mínimos. Neste grupo, dos 10 casais, em seis, ambos os membros do casal estavam vivendo um segundo casamento e dos outros 4 casais, em dois, as mulheres viviam o segundo casamento e os homens, o primeiro, e em dois os homens viviam o segundo casamento e as mulheres o primeiro.

Procedimento

Os dados foram levantados através de uma entrevista semi-estruturada, elaborada a partir da delimitação dos conceitos de aliança e de sexualidade, e realizada conjuntamente com ambos os membros do casal. Inicialmente pretendíamos realizar, além da entrevista conjunta, uma entrevista individual com cada membro do casal o que, por dificuldades surgidas ao longo do estudo, não foi possível. Acreditamos, entretanto, que teríamos obtido, nas entrevistas individuais, outros dados que na entrevista com o casal não foram trazidos.

A entrevista levanta dados de diferentes áreas relacionadas aos conceitos de aliança e de sexualidade. As seis seguintes categorias foram consideradas as mais relevantes na realização deste estudo:

Escolha conjugal - (como se conheceram; como chegaram ao casamento; o que pesou mais na escolha)

Relacionamento da família nuclear com a família extensa - (contatos com a família de origem de cada um; troca de ajuda)

Expectativas em relação à participação da família extensa na vida da família nuclear - (gostariam que a participação fosse maior; de que pessoas; de que forma).

Relacionamento com os diferentes grupos de amigos - (amigos comuns ao casal; amigos anteriores ao casamento; programas com amigos).

Participação de cada cônjuge na renda familiar - (proporção em que cada um participa da renda; conciliação do trabalho fora e dentro de casa; sentimento da mulher que não trabalha fora).

Relacionamento sexual - (importância do relacionamento sexual; vivência do relacionamento sexual; relacionamento sexual extra-conjugal).

RESULTADOS

Na Tabela 1, temos a freqüência das respostas obtidas, classificadas dentro das categorias, anteriormente estabelecidas, segundo as dimensões de aliança e sexualidade. Podemos observar como a dimensão de aliança é enfatizada no grupo de primeiro casamento onde está presente em 57 respostas, enquanto no grupo de recasados ela ocorre apenas 33 vezes. Por outro lado, a dimensão de sexualidade ganha maior importância no grupo de recasados onde aparece em 41 respostas, enquanto no grupo de primeiro casamento ela ocorre apenas 12 vezes.

Analisaremos estes resultados a partir de cada categoria e tomaremos, como exemplo, algumas respostas dadas pelos casais dos dois grupos estudados.

Escolha conjugal

No grupo de primeiro casamento, além dos fatores individuais de cada membro do casal, aparece a importância da família na escolha do cônjuge e na tomada de decisão pelo casamento, tanto em termos de aprovação ou não ("achamos que iria dar certo porque nossas famílias se gostavam bastante e

TABELA 1 — Frequência das respostas obtidas e classificadas segundo as dimensões de aliança e sexualidade.

CATEGORIA	DIMENSÃO DE ALIANÇA	FREQUÊNCIA		DIMENSÃO DE SEXUALIDADE	FREQUÊNCIA	
		1º casamento	recasamento		1º casamento	recasamento
1. Escolha conjugal	- influência das famílias	3		- atração sexual	1	3
	- relação de parentesco	1		- satisfação sexual		3
	- valores comuns	2	1	- necessidade de companhia		1
	- desejo das famílias	2		- gravidez		1
	SUB-TOTAL	8	1		1	8
2. Relacionamento com a família extensa	- contato muito intenso	3				
	- contato intenso	4				
	- contato esporádico	1	2			
	- ajuda intensa	3				
	- ajuda esporádica	1	1			
	SUB-TOTAL	12	3			
3. Expectativas de relacionamento com a família extensa	- intensificação do contato	4	2			
	- manutenção do contato	1				
	- intensificação da ajuda	2				
	SUB-TOTAL	7	2			
4. Relacionamento com grupos de amigos	- saídas com amigos comuns ao casal	3	2	- saídas do casal só		4
	- amigos só do marido	3				
	- amigos anteriores ao casamento	1	1			
	- amigos de cada membro do casal, separadamente		3			
	SUB-TOTAL	7	6			4
5. Participação na renda familiar	- mulher trabalhando fora	4	6			
	- ganhando mais	1	3			
	- desvalorizando o trabalho doméstico	5	2			
	- se sentindo prejudicada	5	2			
	- responsável pelas tarefas domésticas	8	5			
	- homens desempenhando tarefas domésticas		5			
	SUB-TOTAL	23	23			
6. Relacionamento sexual				- importância do sexo	9	9
				- possibilidade de relacionamento sexual extra-conjugal		9
			- gratificação no relacionamento sexual	2	5	
			- criatividade no relacionamento sexual		3	
			- personalização no relacionamento sexual		3	
	SUB-TOTAL				11	29
	TOTAL	57	33		12	41

queriam muito o casamento"), como em termos de valores comuns e até de relações de parentesco ("nossas famílias eram muito parecidas, do mesmo tipo, isto facilitava"; "nós somos quase parentes, acho que isto pesou muito").

A escolha conjugal aparece marcada sobretudo pela dimensão da aliança, presente nas respostas de oito casais deste grupo, enquanto a sexualidade é apontada em apenas uma resposta.

No grupo de recasados, a escolha é atribuída pelos cônjuges sobretudo a

fatores individuais, quase sempre ressaltando a área sexual ("ia dormir na casa dele de vez em quando, de repente estávamos morando juntos, nunca me senti tão casada"; "nós nos dávamos muito bem sexualmente"; "acho que o que sempre falou mais forte entre a gente foi o sexo").

Neste grupo, a importância da sexualidade na escolha conjugal é enfatizada nas respostas de oito casais, sobretudo em termos de atração sexual e de satisfação nas relações sexuais; enquanto a dimensão de aliança é mencionada por apenas um casal em termos de valores comuns das famílias de origem.

Relacionamentos com a família extensa

No grupo de primeiro casamento a dimensão da aliança é muito ressaltada. Sete casais mencionaram um contato intenso ou muito intenso com a família de origem e quatro disseram trocar ajuda, três dos quais de uma maneira muito intensa ("sábado passamos pela mãe dele e domingo pela minha"; "ela vê a mãe quase todo o dia e eu vejo a minha uma vez por semana, elas ajudam bastante"; "temos muito contato com as nossas famílias, elas ajudam muito na hora do aperto").

No grupo de recasados o relacionamento com as famílias de origem é muito pequeno. Um contato esporádico é mencionado por dois casais e, destes, apenas um recebe ajuda dos familiares. Neste grupo, sobretudo quando há filhos de casamentos anteriores e do casamento atual, as relações com as famílias extensas, que a vezes têm 8 avós, se complicam e, não raramente, para evitar o conflito, o casal atual prefere se afastar das famílias de origem ("temos um contato formal com nossas famílias, nós temos uma vida só nossa"; "quase não temos contato com nossas famílias, acho melhor assim"; "nos vemos de vez em quando mas não trocamos ajuda"; "não contamos com ninguém, temos que nos virar sozinhos").

Expectativa em relação à participação de membros da família extensa na vida da família nuclear

No grupo de primeiro casamento, além de existir um grande contato com as famílias de origem, há um desejo de que estes contatos ainda aumentem manifestado por quatro casais deste grupo. A dimensão da aliança é valorizada e existe muita expectativa em torno dela ("nós gostamos que as famílias participem, poderiam participar mais"; "apesar de já termos bastante contato, acho que este ainda pode ser intensificado"; "gostaria de ter contato mais amigável tanto com a minha família como a dele").

Já no grupo de recasados, onde os relacionamentos com a família extensa são pequenos, a expectativa de aumentar estes contatos é manifestada por apenas dois casais. Na maioria dos casos, os contatos não são desejados pois são vistos como prejudiciais à família nuclear. Não se enfatizam os aspectos relacionados à aliança como dependências entre os grupos, troca de favores e ajuda mútua ("eu gostaria de ter mais contato mas ela acha que isto pode atrapalhar"; "prefiro que cada um fique na sua, assim não dá problema"; "tenho pavor de muito contato com família, acho que atrapalha").

Como vimos anteriormente, no grupo de primeiro casamento, a família de origem teve influência na escolha dos cônjuges e participou de alguma forma para que estes se unissem. É como se fossem um pouco responsáveis pelo casamento e tivessem que dar suporte a ele.

O mesmo não ocorre no grupo de recasados onde a escolha dos cônjuges não teve influência das famílias de origem. Eles assumem responsabilidade pelo casamento e preferem dispensar a ajuda dos familiares.

Relacionamento com os diferentes grupos de amigos

No grupo de primeiro casamento, os amigos são quase sempre comuns ao casal e predominam as amizades anteriores do marido, embora ambos façam novos amigos ("as amizades são mais da parte dele que minha,... eu tive que cortar minhas amizades"; "os amigos são sempre comuns ao casal"; ambos fazemos novos amigos mas conservamos os amigos da época anterior ao casamento"). O grupo de amigos comuns é muito valorizado e o casal quase sempre sai em companhia deles ("o grupo de amigos é muito importante para nós e gostamos de estar sempre bem com eles"; "quase não saímos só nós dois, gostamos de sair com os amigos"). Em nenhum caso ocorrem saídas de cada membro do casal, separadamente, com amigos individuais, como também em nenhum caso são valorizados as saídas do casal a sós.

Já no grupo de recasados, aparecem em três casos, os amigos de cada membro do casal separadamente, tanto de épocas anteriores ao casamento como entre os amigos novos ("as vezes saímos separadamente, cada um com seus amigos"; "eu saio sozinho, ela sai sozinha e quando vamos sair juntos decidimos de comum acordo"). Os novos contatos são feitos, também, tanto pelo marido como pela mulher, mas o grupo de amigos comuns não tem a mesma importância que tem para os casais de primeiro casamento. Entre os recasados, a dimensão da sexualidade é ressaltada através da valorização das saídas do casal a sós, manifestada por quatro casais deste grupo ("temos poucos amigos, gostamos de curtir um ao outro"; "às vezes gostamos de sair só nós dois").

Participação de cada cônjuge na renda familiar

No grupo de primeiro casamento, das dez mulheres, quatro trabalham fora, e destas uma participa em maior proporção da renda familiar. As mulheres que não trabalham fora, em geral, valorizam mais o trabalho remunerado, desqualificam o trabalho doméstico e se sentem prejudicadas ("nunca trabalhei fora mas gostaria de trabalhar pois acho o trabalho dentro de casa pouco criativo, muito repetitivo"; "ela não trabalha mas se sente muito prejudicada pelo casamento"; "acho o trabalho fora de casa mais gratificante e gostaria de trabalhar fora"). Neste grupo apenas as mulheres desempenham funções domésticas ("tudo quanto é problema de casa é dela"; "99% das tarefas de casa ficam delegadas a ela"; "dentro de casa tudo sobra para mim").

No grupo de recasados, das dez mulheres, seis trabalham fora, e destas três participam em maior proporção da renda familiar.

Em ambos os grupos, em relação às tarefas dentro da casa, mesmo quando a mulher trabalha fora, tais tarefas são muito mais atribuídas a ela. No

grupo de recasamento, entretanto os papéis, culturalmente atribuídos ao homem e à mulher, são vistos pelos cônjuges de forma menos rígida do que no grupo de primeiro casamento onde os homens não desempenham funções domésticas. Entre os recasados, cinco homens executam tarefas domésticas ("em casa, quando não temos ajuda externa, nos revezamos nas tarefas"; "ele às vezes ajuda fazendo coisas que em geral os homens não fazem"), mas, mesmo neste grupo onde os homens desempenham funções domésticas, estas aparecem como responsabilidade da mulher que, numa espécie de concessão, é "ajudada" pelo homem ("quando não temos empregada eu tento ajudá-la"; "em casa ele ajuda mas é como se a obrigação fosse minha"; "ele ajuda muito, mas qualquer coisa é grande glória").

Relacionamento sexual

Tanto no grupo de primeiro casamento como no grupo de recasados, o relacionamento sexual é valorizado na medida em que é considerado importante por nove casais de cada grupo. Todavia entre os recasados, a sexualidade ocupa um lugar mais relevante na história conjugal dos membros de casal e é vista como gratificante por cinco casais deste grupo onde aparece de forma mais personalizada na vida dos cônjuges que fazem maiores investimentos e têm mais expectativas em relação à atividade sexual ("nós gostamos de fazer sexo bem criativo"; "entre nós sexo, desde o início foi o que mais nos aproximou e a gente investe nele"; "acho que temos sempre que melhorar nossas relações sexuais").

Quanto aos relacionamentos sexuais extra-conjugais, o grupo de primeiro casamento, em nenhum caso, os aceita, vendo-os como muito mais ameaçadores e demonstrando um sentimento de posse de um membro do casal sobre o outro ("sou absolutamente contra relações sexuais extra-conjugais"; "somos extremamente fiéis"; "traição..., na nossa vida não admito"; "acho que o casamento acabaria se eu soubesse que ele me traiu").

Já no grupo de recasados os relacionamentos sexuais extra-conjugais são visto por nove casais como possíveis em tese, e são mencionados, às vezes, como uma possibilidade na vida dos casais entrevistados ("combinamos que se um de nós sentir esta necessidade, vai falar para o outro"; "é uma possibilidade embora possa dar problema"; "se pintar, não acho absurdo"). Ao mesmo tempo todos os casais à exceção de um, que admitem esta possibilidade, falam também da importância da discrição no caso de ocorrer uma relação extra-conjugal ("deve ser uma coisa discreta para não ofender o outro"; "pode até acontecer, mas acho que ninguém gosta muito de saber"; "não se deve contar nem se querer saber").

As respostas mais individualizadas, em relação à sexualidade, dos membros do casal do grupo de recasados, onde pelo menos um dos cônjuges já passou por uma experiência conjugal anterior, indica uma diferenciação maior entre eles. Tal diferenciação pode, numa certa medida, colaborar para uma maior riqueza e criatividade nas relações sexuais. Entre os recasados também, o não aparecimento do sentimento de posse entre os membros do casal pode, em parte, explicar a atitude que estes têm frente aos relacionamentos sexuais extra-conjugais. Em ambos os grupos, se fossem realizadas entrevistas

individuais com cada cônjuge, provavelmente teríamos obtido, sobretudo em relação à atividade sexual outros dados que nas entrevistas conjugais não foram relatados pelo casal.

CONCLUSÕES

O estudo realizado evidencia algumas diferenças quanto à manifestação das dimensões de aliança e de sexualidade em casais de primeiro casamento e em casais recasados. Podemos ressaltar, em relação a cada um dos aspectos investigados, as seguintes conclusões: **escolha conjugal** - no grupo de primeiro casamento a aliança assume um papel mais significativo do que a sexualidade enquanto esta é mais relevante para os recasados; **relacionamento com a família de origem** - é freqüente, mais forte e mais valorizado no grupo de primeiro casamento; **relacionamento com os diferentes grupos de amigos** - o grupo de amigos comuns é mais presente e valorizado no primeiro casamento, enquanto os recasados possuem mais amigos individuais e valoriza que os membros do casal possam sair às vezes separadamente; **renda familiar** - as diferenças não são grandes entre os dois grupos, embora entre os recasados haja mais mulheres participando da renda familiar, algumas das quais em proporção maior que os homens; neste grupo os papéis de homem e de mulher aparecem de forma menos rígida, mesmo assim, a mulher que trabalha fora se sente mais exigida em ambos os grupos; **relacionamento sexual** - em ambos os grupos o relacionamento sexual é considerado muito importante para o casal, mas a sexualidade aparece de forma mais personalizada e criativa entre os recasados, para os quais são maiores as demandas e as expectativas em relação à atividade sexual; enquanto os recasados admitem os relacionamentos extra-conjugais como uma possibilidade, isto não ocorre no grupo de primeiro casamento.

As conclusões deste estudo podem ser consideradas limitadas, por um lado pelo número reduzido de casos estudados e, por outro, pelo reduzido desdobramento dos aspectos investigados a partir da discussão dos conceitos de aliança e de sexualidade, duas das mais importantes dimensões da vida conjugal. Todavia tais resultados apresentam subsídios importantes para o planejamento e a realização de outros estudos com populações maiores e com um maior número de fatores derivados das dimensões de aliança e de sexualidade. Além disto, apesar das limitações deste estudo, suas conclusões vão colaborar também para que, retornando à prática clínica do atendimento do casal, possamos modificá-la tendo em vista as diferenças encontradas nestes dois tipos de casamento.

REFERÊNCIAS

- ARIES, P. (1982). L'amour dans le mariage, *Communications*. Paris: Sexualités Occidentales, Seuil.
- ARIES, P. (1982). Le mariage indissoluble, *Communications*. Paris: Sexualités Occidentales, Seuil.
- BERGER, P. & KELLNER, H. (1970). Marriage and the construction of reality, em P.H. Dreitzel (org.) *Recent Sociology*. New York: The Mac Millan Company.
- FLANDRIN, T.L (1981). *Le sexe et L'Occident*. Paris: Seuil.

- FOUCAULT, M. (1977). *História da Sexualidade I*. Rio de Janeiro: Graal.
- LÉVIS-STRAUSS, C (1968). *Les structures élémentaires de la parente*. Paris: La Haye.
- USSEL, J.V. (1980). *Repressão Sexual*. Rio de Janeiro: Campus.
- VELHO, G. (1983). Aliança e casamento na sociedade moderna: separação e amizade em camadas médias urbanas. *Boletim do Museu Nacional*, 40.

Texto recebido em 7/5/87